

ÉTICA E REGIÃO SOB PERSPECTIVA ESPAÇO-TEMPO¹

Claudio Ubiratan GONÇALVES²

RESUMO

O artigo traz para discussão disciplinar da Geografia a temática regional associada ao novo elemento neste campo do conhecimento que é a ética. As reflexões são balizadas através das noções de combinação regional e alteridade ética. Esperamos com isso desencadear ponderações de novos rumos e caminhos na análise e compreensão do espaço geográfico.

Palavras-chave: Região, ética, ordenamento territorial, comunidade.

ABSTRACT

The article brings to Geography debate the regional thematic associated to the new element in this knowledge field that is the ethics. The reflections are marked through the notions of regional combination and ethical difference. We expect to unchain considerations of new directions and ways in the analysis and comprehension of the geographical space.

Key-words: region, ethics, territorial ordering, community.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O caráter de dimensão universal assumido pelo tempo é apenas uma figuração simbólica do fato de que tudo o que existe encontra-se no fluxo incessante dos acontecimentos.”

(Norbert Elias, 31:1998)

“(...) o espaço se caracteriza, entre outras coisas, pela diferença de idade entre elementos que o formam. Isso é válido para todos os tipos de subespaço, não importando a escala.”

(Milton Santos, 211:1978)

O tempo é uma dimensão da existência humana que afeta indistintamente todas as pessoas não importando se sua morada está localizada em Burang na fronteira entre China, Índia e Nepal ou em Ushuaia entre Argentina e Chile no extremo sul da América do Sul. Na linguagem dos poetas o tempo é eterno e, segundo Elias ele torna-se visível e compreensível no registro dos acontecimentos, ou seja, na realização do evento histórico. Não obstante, o espaço no entender de Santos, passa a ser compreendido quando observamos os elementos de sua composição. Mais do que observar o conteúdo do espaço

¹ Artigo elaborado para curso ministrado durante a VIII Semana Filosófica do Instituto Diocesano de Filosofia e Teologia, Crato-Ceará.

² Professor Adjunto da UFPE, Recife/PE. E-mail: birarural@ig.com.br.

e suas diversas escalas de aparição é necessário perceber as idades dos elementos que o compõem, ou seja, os tempos do espaço.

Desse modo, a idéia de modernidade ou de crise da modernidade é fundamental para contextualizarmos as noções de ética e região numa perspectiva espaço-tempo que se aproxime do real. Este período é demarcado pela multiplicidade de interpretações da realidade, dificultando assim, a caracterização da fase em que vivemos. Em época de crise social e filosófica, as palavras rapidamente perdem seu sentido e enfrentamos enormes dificuldades para desenvolver sínteses e apreender a dinâmica social do todo (HAESBAERT, 2002).

Traremos de forma breve os elementos essenciais do imperativo ético, para em seguida apresentarmos com os fundamentos da idéia de região como espaço vivido e planejado. A idéia de ética está ligada no fio do tempo ao caminho da tradição aristotélica valorizadora da ética da felicidade, virtude e da alegria. Outro caminho clássico seria o da tradição kantiana da ética do dever, entendendo a virtude como conformidade do querer com o dever. Nesta última os impasses são mais sublinhados, enquanto que na primeira enfatiza-se a concepção de prudência como virtude da reta decisão humana.

Fugindo da visão reducionista de seguir uma única tradição, optamos pela concepção epistemológica que visa integrar tempo-espaço, ética-região, dever-felicidade, regulação-responsabilidade e alteridade-inter-relações. Sendo o nosso propósito o de enveredar por dois diferentes temas que estão estreitamente próximos e que pouco dialogam, preferimos trabalhar com as noções de combinação regional e alteridade ética.

2. EMERGÊNCIA DE OUTRA ORDEM ÉTICA

Assim, consideramos de grande importância à idéia sobre ética, cultura e educação do conceituado pensador do paradigma da complexidade Edgar Morin (2003). Diz ele que: *“Parece que a exigência de ética que se manifesta um pouco em toda parte neste momento está ligada a uma tomada de consciência do desgaste, e mesmo da dissolução das éticas tradicionais em uma sociedade fortemente individualizada”*.

O autor propõe o uso do que ele chama de auto-ética explicada pela fé acerca do valor do conhecimento. Para além da ética da liberdade, é preciso a fé na fraternidade, no amor e na comunidade. Nessa concepção, fraternidade, amor e comunidade são fontes de energia para alimentar a fé da concretização da auto-ética.

Longe de ser simplesmente uma alternativa anarquista de abordagem da realidade, a complexidade manifesta-se quando transcendemos a idéia de fraternidade, invocando

alguma coisa anterior, que é o espírito/mito da maternidade. *“Na verdade esta perspectiva nos desperta para sentir que temos a mesma origem maternal e a mesma identidade e amor pela mãe, não perdendo a consciência de comunidade e do todo”* (MORIN, 2003).

Neste sentido, pela indicação do autor é possível chegar à auto-ética passando antes pelo processo de contradição, incerteza e convicção do Eu. As contradições éticas residem na tarefa de decidir quem são os próximos. O imperativo ético existe em nós, por isso é preciso estar consciente da ética da responsabilidade como prolongamento e consolidação e não como algo virtual. O risco constitui o problema das contradições éticas. As incertezas éticas estão relacionadas em assumir a liberdade como risco de incerteza quanto aos resultados de nossa ação. Por fim o autor trabalha o micro-universo do indivíduo, quando aponta para o processo do Eu em relação a si mesmo ou convicção a respeito de si. Relaciona-se com as virtudes da sinceridade e autenticidade. Quando examinamos a convicção percebemos a mentira ou o engano a respeito de si mesmo.

Outra vertente relevante nesta abordagem é a alteridade ética. Pensar uma ética da alteridade pressupõe pensar a ética como filosofia primeira. Ou seja, *“junto da preocupação ontológica e metafísica com o próprio ser, antes da preocupação cosmológica, antes da preocupação epistemológica do conhecimento verdadeiro e do domínio do mundo por ele, e ainda certamente antes do interesse econômico egológico estaria o nível ético apontando para o sentido primeiro da subjetividade como “para outrem”. Quer dizer: eu só tenho sentido se me encontro com outrem no nível da maturidade e responsabilidade, portanto acolhendo-o como mais que objeto e fruto de necessidade, já como Desejo do outro como Outro. O ser humano só é verdadeiramente humano se realiza o potencial ético e de relação de alteridade que recebe enquanto criatura, vivendo cada momento, enquanto um ser grandioso e capaz, mas ao mesmo tempo altamente vulnerável, sensível, sujeito da afecção, ou seja, precisando demais de outrem e acolhendo outrem para dar sentido à vida”* (PELIZZOLI, 2002).

A ética da alteridade é válida para nossa abstração, pois, vem resgatar o lado humano da singularidade, da solidariedade e da pluralidade. O outro é descoberto como uma relação e não como um obstáculo a ser ultrapassado. Esta postura compõe-se como uma crítica conjugada ao questionamento das conseqüências éticas das diversas teorias no Ocidente, consubstanciada a partir de uma crítica ético-epistemológica nova e complexa, e que talvez seja uma boa alternativa para a “pós-modernidade” em crise e em vazio ético.

3. REGIÃO ESPAÇO VIVIDO E PLANEJADO

A região se apresenta como uma das noções centrais da geografia sendo de difícil e precisa definição. Numa primeira visão, é preciso considerar a região como um espaço-equilíbrio. Equilíbrio nas regulações entre o número e a coerência. Equilíbrio, na hierarquia das combinações. Equilíbrio entre as relações superiores, nacionais ou internacionais, e as relações de produção e de trocas elementares. Equilíbrio entre o domínio do familiar e do conhecido, e o do estranho, do excepcional.

Nessa perspectiva, *“o domínio situa-se num nível intermédio entre a região e toda a superfície do globo, eventualmente com hierarquias intermédias. As definições não andam muito afastadas umas das outras se as reconduzirmos todas à unidade das percepções. O vasto espaço (domínio) é a etapa anterior das fronteiras do estranho”* (FRÉMONT, 1980).

Quando tratamos de região o conceito de escala é fundamental para compreendermos a intensidade dos acontecimentos e dos fenômenos. As diferenças de escala determinam constituições em diversas formas, uma muito extensa e distendida, a outra reduzida e coerente. Entre estes extremos, o próprio da região é provavelmente ser média e, por conseguinte, equilíbrio: suficientemente vasta para englobar populações numerosas em relações horizontais múltiplas, suficientemente reduzidas para conservar uma forte coerência no cimento das relações verticais. A região aparece assim como a unidade essencial da regulação espacial.

O método geográfico da Combinação Regional conjuga a estrutura, as inter-relações, a dinâmica e a imagem de uma região em questão. Desse modo, a região é uma estrutura: um conjunto, uma combinação de relações que caracteriza uma parte do espaço terrestre. Para analisar a estrutura que forma a combinação regional, podemos enumerar os seus componentes nas inter-relações, que traduz melhor a reciprocidade das influências.

Temos inter-relações ecológicas que regulam as relações entre os homens e os meios em que vivem. Em seguida temos as inter-relações sócio-econômicas que se estabelecem conforme às relações de produção que distinguem os grupos e as classes. As inter-relações sócio-culturais dão aos homens uma imagem de si próprios e do mundo. Formalizam-se através de jogos de signos: línguas, informações escritas, expressões visualizadas, e paisagens. Por fim as inter-relações sócio-demográficas regulam o número e a repartição numérica dos homens no interior de um grupo ou entre grupos.

Os três ou quatro feixes principais de inter-relações também desenvolvem movimento de intercruzamento entre elas. O conjunto assim soldado é que constitui a combinação regional. A dinâmica da cadeia das inter-relações é tal que não pode mudar

um componente sem que daí resultem consequências para o conjunto do sistema (FRÉMONT, 1980).

Interessante atentar que para uma transformação ser adotada e desdobrada no interior da combinação, é preciso que seja conhecida, reconhecida economicamente proveitosa, e considerada culturalmente aceitável pelo grupo ou grupos sociais envolvidos. A resistência regional realiza uma filtragem das contribuições exteriores e uma assimilação da inovação aos seus próprios valores.

Outra noção que visa apreender a materialidade espacial e, em certo sentido, reforça a noção desenvolvida anteriormente sugere a região como campo de ações concomitantes de intensidades variáveis, mais do que a inscrição espacial precisa de equilíbrio fundamental. Os limites regionais são múltiplos, dinâmicos; agindo tanto como freios, quanto como forças, eles contem em si mesmo sua própria superação (KAISER, 1966).

Nessa perspectiva a metodologia do estudo regional compreende a população nos aspectos sócio-demográficos, os recursos e sua utilização, o consumo, as relações exteriores e a estrutura geográfica. Não podemos deixar de lado o desigual desenvolvimento sócio-econômico das regiões. As condições naturais e humanas diferentes que o observador encontra são os primeiros fatores de uma inevitável diferenciação geográfica.

Na tipologia do autor, interessa o aspecto do laço de solidariedade existente entre os habitantes. Tais laços englobam as relações e os caracteres comuns fornecendo uma coesão e imprimindo no espaço certa homogeneidade. A evolução da organização econômica e social que produz a região funciona em movimento em torno de um pólo. Se excluirmos os fatores do meio natural e humano, a estrutura social e as heranças da história restará a questão da produtividade do espaço através dos homens que o habitam.

4. NÃO CONCLUINDO

Levantamos aspectos em torno da questão ética e regional e algumas idéias que fundamentam seu sentido. O crescente interesse pela temática traduz sua importância e chama atenção para o retorno, hoje, da investigação possível sobre a ética, como pressuposto do desenvolvimento. Desenvolvimento que, numa dada vertente, pode ser econômico e político e que, em outra, assume facetas do cultural, ambiental e comunitário. No fundo, a questão que se evidencia é a ética enquanto ingrediente indispensável na construção do projeto de desenvolvimento humano e material.

Entre os homens e o espaço em que vivem, uma das relações mais fundamentais é a da percepção em relação a um espaço vivido. O espaço vivido é também parte integrante do condicionamento social. Os mecanismos que provocam a invasão cultural e a alienação da consciência são os mesmos que impõem aos homens uma imagem dos lugares onde vivem, do seu espaço, da sua região. E essa imagem, aceite, recalcada ou recusada, constitui um elemento essencial das combinações regionais, do laço subjetivo e de solidariedade do homem com o espaço geográfico.

É importante ressaltar que a unidade regional decorrente desse processo de desenvolvimento não deve ser exclusivamente mensurada pela manipulação tendenciosa de números, privilegiando-se a vertente economicista das relações sócio-espaciais. A ênfase deve ser dada essencialmente ao desenvolvimento humano e comunitário considerando o rosto do outro e os pequenos agrupamentos sociais dispersos territorialmente. O desafio consiste exatamente na conjugação da diversidade cultural com a unidade político-administrativa. Na verdade, a ética é considerada como um conjunto de valores que disciplinam o território usado por indivíduos que convivem numa sociedade ditada pelas normas do produtivismo e do consumo. Tal dogma está “em cheque” e começa a ser questionado na sua capacidade de garantia e suporte de bem estar social e de sustentabilidade econômica universais.

As noções metodológicas de apreensão do real, denominadas aqui de combinação regional e alteridade ética, permitem apreender a um só tempo os elementos objetivos e subjetivos do território usado. A visão holista de seguir não somente uma única tradição faz de nossa concepção de integração espaço-tempo um interessante desafio no rol do conjunto de propostas que se inscrevem nas análises espaciais da atualidade.

5. REFERÊNCIAS

ELIAS, N. 1998. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.

FRÉMONT, A. 1980. **A região, espaço vivido**. Coimbra – Portugal: Livraria Almedina.

HAESBAERT, R. 2002. **Territórios Alternativos**. São Paulo-Niterói: Ed. Contexto/Eduff.

KAYSER, B. 1966. **A região como objeto de estudo da Geografia**. In: GEORGE, P. A Geografia Ativa. São Paulo: Ed. Difusão Européia do Livro/Edusp.

MORIN, E. 2003. Ética, cultura e educação. In: PENA-VEGA, A. (Org). **O Despertar Ecológico: Edgar Morin e a ecologia complexa**. São Paulo: Ed. Cortez.

PELIZZOLI, M.L. 2003. **Correntes da Ética Ambiental**. Petrópolis/RJ: Vozes.

SANTOS, M. 1978. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDUSP.